

A personagem feminina como ponte para a ascensão pela via do amor no conto *Substância* de João Guimarães Rosa

The female character as a bridge to ascension along the path of love in the short story *Substância* by João Guimarães Rosa

Marcio Cappelli Alo Lopes¹
Maria Luísa Magnani²

RESUMO

A proposta deste artigo é abordar o desenvolvimento da mística a partir do conto *Substância* de João Guimarães Rosa, em que a presença da figura feminina se faz essencial para o movimento de ascensão do casal. Tendo esse objetivo em vista, buscaremos empreender uma leitura atenta e cuidadosa do conto, de modo a escutar a mística que ele dá a ver. Procurando preservar a singularidade da obra e cientes do texto como uma alteridade, buscaremos notar como o desenvolvimento da mística repousa no amor nutrido pelo casal. Nesse movimento, a personagem Maria Exita se faz relevante como guia que conduz Sionésio em sua conversão até que o amor entre o casal os eleva ao encontro da unidade cósmica num momento epifânico. Ao final, apresentaremos um paralelo do papel desempenhado pela personagem rosiana em sintonia com duas personagens da tradição ocidental: a Maria Santíssima do cristianismo e a sacerdotisa Diotima no diálogo *O Banquete* de Platão.

Palavras-chave: mística. personagem feminina. ascensão. amor. Guimarães Rosa.

ABSTRACT

The purpose of this article is to address the development of mysticism based on the short story *Substância* by João Guimarães Rosa, in which the presence of the female figure is essential for the couple's upward movement. With this objective in mind, we seek to focus on an attentive and careful reading of the story, in order to listen to the mysticism that allows itself to resonate. Preserving the authenticity of the work and aware of the text as an otherness, we will seek to note how the development of the mysticism rests on the love nurtured by the couple. In this movement, the character Maria Exita becomes relevant as a guide who leads Sionésio in his conversion until the love between the couple elevates them to the encounter of cosmic unity in an epiphanic moment. At the end we present a parallel of the role played by the Rosean character in tune with two characters from the Western tradition: the Holy Mary of Christianity and the priestess Diotima in the dialogue *The Banquet* by Plato.

Keywords: mysticism. female character. rise. love. Guimarães Rosa.

¹ Doutor em Teologia pela PUC-Rio (2017). Professor do PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas. E-mail: marcio.lopes@puc-campinas.edu.br

² Mestranda em Ciências da Religião pela PUC-Campinas. E-mail: mluisamagnani@gmail.com

Introdução

Tomando o conto *Substância* de João Guimarães Rosa como base, buscaremos pensar como, nele, comparece a sombra do que poderíamos chamar de mística. É importante ressaltar, uma vez que se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico, que a leitura atenta e cuidadosa do conto rosiano se faz essencial, pois nossa finalidade é captar a mística que se manifesta em sua singularidade. Esse método, em tese, nos previne de adotar uma leitura tendenciosa. Sendo assim, embora trabalhem buscando a mística no conto, não desejaríamos fazer deslizar a hermenêutica para a imposição de uma chave de leitura mística (Losso, 2019), mas, sim, de tentar realizar uma leitura – um corpo a corpo – que permita perceber como o próprio texto nos fornece certos indícios da mística rosiana.

Caminharemos num passo-a-passo em três principais estágios, que juntos nos auxiliam na interpretação do conto. Primeiramente, a partir da fortuna crítica de Rosa, buscaremos retratar como, em *Primeiras Estórias*, há uma discussão metafísica. Num segundo momento, nos propomos a apresentar as características da personagem principal, Maria Exita, no que se refere à ambiguidade da sua identidade e, em decorrência disso, a dúvida causada em Sionésio. Posteriormente, cientes de que o texto literário se encontra num conjunto de redes de heranças culturais, buscaremos as influências religiosas presentes no conto. Junto a elas tentaremos encontrar também o as evidências de um viés filosófico platônico.

Desa forma, após o contato com essa “constelação” de elementos presente conto, prosseguiremos, finalizando a abordagem do desenvolvimento do amor como caminho de ascensão do casal protagonista. Rosa parece descrever o processo de purificação que desemboca numa unidade cósmica. Nesse último momento, nos esforçaremos para enfatizar a presença da figura feminina, Maria Exita, cujo papel nos remete inclusive ao da sacerdotisa Diótima no diálogo *O Banquete*, de Platão.

Metafísica e transcendência em primeiras estórias

Abordar a mística na literatura suscita desafios que podem contribuir, de um lado, para os estudos literários e, de outro, para o campo das ciências da religião. Antes de qualquer coisa, nesse caso específico, vale ressaltar as palavras do próprio autor sobre o livro *Primeiras Estórias*, onde está coligido o conto que abordaremos:

Vi que já notou a dificuldade dele. É que, sendo pequeno, de estórias tão curtas, exige uma tradução muito meticulosamente afinada, [...] Muito mais que uma coleção de estórias rústicas, o ‘Primeiras Estórias’ é, ou pretende ser, um manual de metafísica e uma série de poemas modernos. Quase cada palavra, nele, assume pluralidade de direções e sentidos, tem uma dinâmica espiritual, filosófica, disfarçada. (Rosa, 1996 [1963]).

No testemunho acima, em carta direcionada ao tradutor francês de sua obra, vemos a proposta de Rosa para que o conjunto de narrativas que compõem *Primeiras*

Estórias seja tratado no campo da metafísica. João Adolfo Hansen comentando tal aspecto, em diálogo com Benedito Nunes, ressalta que a literatura rosiana funciona como ficção da filosofia (Hansen, 2013, p.24); ou seja, Hansen nota como, através do trabalho de Rosa com a linguagem, o escritor opera conceitos filosóficos nas suas narrativas numa espécie de dramatização da filosofia.

A ênfase de Rosa a respeito do valor metafísico-religioso nos contos é reforçado pelo próprio escritor em outra carta, mas agora direcionada ao tradutor italiano. Nela, Rosa esboça os elementos que conduzem sua escrita e, ao mesmo tempo, parece fazer uma apreciação crítica de sua obra, como lemos a seguir:

Por isto mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto ; b)*enredo : 2 pontos* ; c) poesia : 3 pontos ; d) valor metafísico-religioso : 4 pontos. (Rosa, [1963] 2003, p. 90-91).

Os dois conjuntos de afirmações apresentam certas linhas de força do procedimento de composição da obra rosiana e, entre elas, especialmente o valor do aspecto metafísico. É interessante notar que Rosa atribui elevada importância ao elemento metafísico-religioso dentro de sua escala, sem desconsiderar a realidade concreta, ou seja, o cenário sertanejo. No entanto, o mais importante é perceber que isso não acontece sem uma depuração da linguagem. Por meio de seu trabalho com a língua, o escritor, como um artesão, desconfinava as palavras, numa cadência distinta do uso corriqueiro (Rosa, 1983, p. 81), incidindo luz às possibilidades do idioma (Nunes, 2013).

A linguagem aparece aqui como o veículo que amarra as dimensões do universo rosiano. Assim como assinala Walnice Nogueira Galvão: “a ligação entre linguagem e espaço, portanto, aparece como necessária e suficiente, dado que ela busca integrar o espaço onde se passam as peripécias do romance, e esse espaço é o sertão.” (Galvão, 2002, p. 348). Em diálogo com a pesquisadora, Nunes (2013) enfatiza na obra de Rosa a passagem do sertão físico ao metafísico num movimento ascendente sem se afastar da realidade sertaneja. Acerca desse aspecto, Rosa afirma: “levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão. Estes são os paradoxos incompreensíveis, dos quais o segredo da vida irrompe como um rio descendo das montanhas” (Rosa, 1983, p. 85). O sertão de Guimarães Rosa é então compreendido pelos críticos como um microcosmo (Coutinho, 1983), um organismo vivo a partir do qual o simbólico emerge do real (Candido, 1983).

Segundo Antonio Candido (1983), a observação de Rosa diante do sertão e a descrição deste espaço, bem como a formação dos personagens, faz com que o escritor se enverede ao mesmo tempo na psicologia do rústico e num movimento em busca do sentido último das coisas. Com isso, a obra de Rosa adquire um valor estético profundo, inserindo o leitor na sondagem do humano a partir de temas comuns que alimentam a arte (Candido, 1983).

Suzi Sperber (1976), ao estudar as obras de Rosa, enfatiza que o aspecto transcendente é ainda mais destacado nos contos de *Primeiras Estórias*. Segundo

Sperber, isso se manifesta em três fatores principais: na ambientação dos contos, na descrição dos personagens e nos núcleos temáticos das histórias. Em diálogo com os estudos de Benedito Nunes e Antonio Candido, Sperber (1976) salienta que o texto rosiano, ao detalhar a realidade sertaneja, inspira diversas sensações que nos recordam de uma outra realidade concebida para além desta. Tais temas poderiam remeter, inclusive, à teoria platônica das ideias, algo que Nunes buscou sublinhar em seus estudos em torno a Rosa.

Ao se referir ao platonismo de Rosa, Sperber argumenta acerca da passagem de *Grande sertão: veredas* à *Primeiras Estórias*:

O Belo já não é mais buscado. Já faz parte do cosmos. O mundo, aliás, é antes declaradamente de irrealidade que de realidade. A vida é encarada como prisão: é a própria caverna. Como o mundo já é belo, e o belo ficcional foi encontrado na crescente força poética da linguagem, o que é buscado é algo além de si, sugerido pelo mundo. O mundo apresenta os reflexos deste além. Reconhecendo-se os reflexos, o salto é possível: é a epifanicidade. No caso desta intertextualidade, seus reflexos são temáticos, não estilísticos. E a busca já não é nem sequer ética, senão metafísica: o texto platônico, da adaptação à busca do estético, passou à busca do ético, misturada com o metafísico, passando, no caso de *Primeiras Estórias*, a funcionar com o seu sentido primordial, que era o metafísico. (Sperber, 1976, p. 76).

Vemos que algo diferente aparece em *Primeiras Estórias*. Por exemplo, enquanto Riobaldo passa por uma reflexão ética sobre o bem e o mal, que posteriormente o leva a discussões metafísicas sobre a existência dessas entidades ou não, em *Primeiras Estórias*, há uma diluição da fronteira entre o físico e o metafísico:

Em *Primeiras Estórias*, porém, o mundo – e o relato, sobretudo, remetem com tamanha força para a transcendência, que as personagens não se reconhecem “homens humanos” como Riobaldo. A distância entre o mundo e a transcendência, através da epifanicidade, diminui. A sacralização do mundo de *Primeiras Estórias*, permanece; é até mesmo intensificada. Como, porém a personagem é menos humana, a distância entre o aquém e o além diminui. Era isto que Platão havia previsto idealmente para o mundo? (Sperber, 1976, p. 79).

Diante disso, Sperber reconhece que em *Primeiras Estórias*, no geral, a ambientação dos contos já se encontra no campo transcendente, uma vez que o cosmo é sacralizado, assim como os personagens já estão mais do “lado de lá” do que aqui. Por isso, a pesquisadora argumenta que a distância entre os mundos, mundo sensível e inteligível, como queria Platão, diminui. A seguir, veremos a manifestação dessas ideias no conto *Substância*, especialmente com o recurso à noção de mística, calcada no desenvolvimento dos personagens presentes no mundo mais próximo do transcendente.

A dualidade na identidade de Maria Exita

Logo no início do conto, somos apresentados à realidade por um narrador onisciente em terceira pessoa, que também se mostra como uma presença constante, acompanhando tanto os fatos atuais da Fazenda quanto evocando o passado das personagens. Sendo assim, o narrador de Rosa cria uma atmosfera convidativa que aproxima o leitor da realidade.

Num primeiro momento, o leitor é situado no núcleo que impulsiona a estória, isto é, no embate entre as duas faces opostas que parecem vigorar em Maria Exita. Como sabemos, Sionésio é o dono de uma célebre Fazenda de mandioca que contrata Maria Exita para o penoso trabalho de quebrar o polvilho. Dentro dessa atmosfera e ainda na primeira página, já percebemos a dualidade que apontamos:

Chamava-se Maria Exita. Datava de maio, ou de quando? Pensava ele em maio, talvez porque o mês mor – de orvalho, da Virgem, de claridades no campo. Pares se casavam, arrumavam-se festas; numa, ali, a notara: ela, flor.

Não lembrava a menina, feiosinha, magra, historiada de desgraças, trazida, havia muito, para servir na Fazenda. Sem se dar ideia, a surpresa se via formada. Se, às vezes, por assombro, uma moça assim se embelezava, também podia ter sido no tanto-e-tanto. Só que a ele, Sionésio, faltavam folga e espírito para reparar em transformações.

Saíra da festa em começo, dada mal sua presença; pois a vida não lhe deixava cortar pelo sono: era um espreguiçar-se ao adormecer, para poupar tempo no despertar. Para a azáfama – de farinha e polvilho. (Rosa, 2001, p. 205-206).

Essa descrição na abertura do conto nos introduz no conflito concentrado na figura de Sionésio. Algo que nos chama a atenção na leitura do trecho é a passagem repentina da descrição de Maria Exita ser logo substituída pelo dever do trabalho. A presença da moça desconcerta o modo habitual, rotineiro, com que Sionésio estava acostumado. Na passagem acima, podemos perceber que o personagem ainda não se sentia atraído pela moça, ou pelo menos ainda não estava consciente do sentimento que começaria a germinar. A gratificação que o trato com o produto lhe oferecia, ainda que meramente material, era suficiente para Sionésio. Isso porque o ofício de agricultor ocupava o primeiro lugar em sua vida; não apenas o primeiro, mas parece que para Sionésio não havia outra perspectiva que não fosse o trabalho. Focado nas demandas que a fazenda impunha, a relação de Sionésio com seu trabalho era estritamente rigorosa, visando manter a ordem e a produção do polvilho. Não havia sequer outra centelha, uma outra inspiração que avivasse seu ofício senão o lucro. A austeridade é até o momento o único valor para ele.

Também nesse ínterim, as relações de Sionésio com seus próximos são apenas aquelas impostas pelo trabalho. Não há uma conexão, um companheirismo para além das fronteiras da Fazenda. Isso fica claro na passagem acima e em outra um pouco mais adiante, quando Sionésio é convidado para uma festividade e, apesar de estar rodeado de conhecidos, permanece calado num canto sozinho. Inclusive, vimos acima que, mesmo num momento que deveria ser de lazer e descontração, Sionésio não desvincula

o pensamento dos afazeres, sempre programando antecipadamente a rotina do dia seguinte, tal era o domínio que o trabalho exercia sobre todos os âmbitos de sua vida: profissional, pessoal e social.

Nesse sentido, embora inicialmente Sionésio dedique um restrito tempo para pensar em Maria Exita, a lembrança da moça logo é substituída pelas preocupações referentes ao trabalho. Aliás, usamos a palavra dedicar, mas não parece uma ação proposital do personagem, ou seja, os pensamentos direcionados à Maria Exita, aos seus sentimentos, sobrevêm à mente de Sionésio como um lampejo, e sobrevivem ali até que sejam novamente interrompidos pelo serviço. Nesse movimento, o personagem retoma novamente o passo regular de sua vida.

A relação de Sionésio com o trabalho e, conseqüentemente, com o dinheiro, é agora interpelada pela admiração que ele sente por Maria Exita. Sionésio devota seus pensamentos e sentimentos também à moça agora. No entanto, na medida em que Sionésio começa a despertar para o amor que nutria por Maria Exita, uma nova dualidade passa a inquietá-lo, afinal, a própria imagem da personagem é repleta de contradições. A dicotomia presente na figura de Maria Exita se dá entre o bem e o mal, ou também, em outras palavras, entre o belo e o mal (o sujo, como descrito). Essas duas forças parecem competir pela soberania na personagem. Essa dualidade é expressa no próprio nome da moça: Maria Exita. Vejamos agora como ela se manifesta.

Um dos pontos marcantes na obra de Rosa, enfatizado também pelos seus estudiosos, é a sonoridade que sua escrita carrega. Segundo Paulo Rónai (2021), no prefácio ao livro *Primeiras Estórias*, o trabalho de Rosa com os fonemas confirma, na nomeação dos personagens, a sua identidade, a trajetória de cada um. Desse modo, observamos que Maria Exita exprime uma dualidade não apenas pela sua identidade, mas inclusive através da escolha lexical utilizada por Rosa para a composição do nome da personagem.

Trata-se de um nome composto, “Maria” e “Exita”, e cada uma das partes nos entrega um significado oposto ao outro. “Maria” nos remete à Virgem Santíssima – figura presente na tradição católica. Já “Exita” possui uma interessante aparência. Formada pelo mesmo radical da palavra “êxito”, como nos diz Castro (1993), ela aponta para o próspero desenlace que Maria Exita e Sionésio alcançam juntos. Por outro lado, o comentador mostra que “Exita” soa como hesitação, uma dúvida que paira sobre a imagem da moça nos pensamentos de Sionésio. Dessa forma, o nome “Maria Exita” expressa a dualidade. Qual a verdadeira identidade de Maria Exita? Trata-se novamente de um debate entre essência e aparência agora sob uma nova roupagem.

Aprofundando nesses termos, o nome “Maria” transmite a ideia de pureza, enlevada pela santidade. Tanto é assim que, absorto pelos seus pensamentos, Sionésio cogita que a moça haveria de ter nascido em maio: mês das noivas como culturalmente aceito pela tradição popular brasileira, mas também mês dedicado à consagração à Maria Santíssima em que, no calendário litúrgico, a Igreja celebra em dias específicos devoções aos títulos Marianos, como Nossa Senhora de Fátima, por exemplo, em 13 de maio.

A pureza de Maria Exita é ainda realçada pela constante aura que parece abraçá-la. Essa aura é destacada pelo escritor por meio de adjetivos que remetem à elevação espiritual. No entanto, é interessante notar que a personagem se faz humilde no cotidiano de seu trabalho, na quebra do polvilho.

Teve dó dela – pobrinha flor. Indagou – “Que serviço você dá?” – e era a tola questão. Ela não se vexou. Só o mal-e-mal, o boquinãoabrir, o sorriso devagar. Não se perturbava. Também para um pasmar-nos, com ela acontecesse diferente: nem enrugava o rosto, nem espremia ou negava os olhos, mas oferecidos bem abertos – olhos desses, de outra luminosidade. Não parecia padecer, antes tirar segurança e folguedo, do triste, sinistro polvilho, portentoso, mais a maldade do sol. E a beleza. Tão linda, clara, certa – de avivada carnação e airoso – uma ilhazinha, moça feita em cachoeira. Viu que, sem querer, lhe fazia cortesia. (Rosa, 2011, p. 207-208).

E ainda:

Mas no embaraço de inconstante horas – às esperanças velhas e desanimações novas – de entre momentos. Passava por lá, sem paz de vê-la, tinha um modo mordido de a admirar, mais ou menos de longe. Ela, no seu assento raso, quando não de pé, trabalhando a mãos de ambas. Seria o polvilho – a ardente espécie singular, securo límpida, material arenoso – a massa daquele objeto. Ou, o que vinha ainda molhado, friável, macio, grudando-se em seus belos braços, branqueando-os até para cima dos cotovelos. Mas que, toda-a-vida, de solsim brilhava: os raios reflexos, que os olhos de Sionésio não podiam suportar, machucados, tanto valesse olhar para o céu e encarar o próprio sol. (Rosa, 2001, p. 209-210).

Podemos ver com essas passagens que Maria Exita, enquanto empregada da fazenda, realizava o árduo ofício de quebrar os blocos de polvilho. A suave ternura que Sionésio admira na moça se contrapõe ao seu duro trabalho de quebrar à mão o polvilho. Chama atenção a serenidade da personagem que, em momento nenhum, se queixa ou sucumbe às dificuldades, assim como a sua correspondente na tradição católica que, tendo seu Filho crucificado, permanece de pé diante da Cruz. Em comparação, a personagem rosiana aceita seu ofício apesar das adversidades. Em silêncio cumpre sua missão, não de modo resignado, mas visando atender a vontade de seu chefe.

Como dissemos anteriormente, o ato de quebrar o polvilho contribui para a construção da imagem de Maria Exita, isso porque, trabalhando sob a luz incessante do sol que tudo abrange, quebrando os duros blocos de polvilho, a personagem é envolta por uma atmosfera clara e reluzente que se aperfeiçoa em sua pessoa. Nesse sentido, os elementos que constituem a cena colaboram para evidenciar a aura de santidade da personagem: os “pozinhos” do polvilho sendo amassados pelas suas frágeis mãos, alguns deles permanecendo no ar em torno a ela e ainda: a moça sendo iluminada pela luz do astro rei. De modo similar, na tradição judaico-cristã, a Virgem Maria possui sua imagem

associada à lua; astro que não possui luz própria, sendo dependente de Deus, “a luz do mundo” para lhe conceder a graça.

Nesse movimento em que o cenário contribui para a criação dos personagens em Guimarães Rosa, como exposto a partir de Maria Exita, o crítico João Adolfo Hansen (2012) observa que, tomando o espaço do sertão e cada uma das coisas ali existentes, a partir dos diferentes graus de existência que cada uma possui, umas mais definidas e outras menos, Rosa compõe, a partir desse contraste, um fundo indefinido que ao mesmo tempo contrasta com a luminosidade evocada:

A irradiação espontânea de suas almas nas formas luminosas contrasta vividamente com a indefinição do fundo, fazendo-as agregar-se surdamente no movimento do seu devir como se fossem derivadas de uma Forma apenas sugerida. No espaço do mato, cada um dos graus de existência das coisas figuradas nas imagens se move na sua cooperação simpática ou antipática com os outros graus de todas as outras coisas. (Hansen, 2012, p. 129).

Prevalece assim em Rosa uma releitura do platonismo segundo o viés de Plotino (Hansen, 2012), em que comparece “a força de uma imaginação produtiva, não simplesmente reprodutora, que sempre alude ao que Rosa chamava de suprassenso, o ‘quem’ das coisas, o mel do maravilhoso” (Hansen, 2013, p. 30). Assim também em Guimarães Rosa, a forma, ou o “quem das coisas”, o que há de mais primordial, permanece velado no mistério da narrativa, como algo indefinido. No entanto, a sequência desses resíduos deformados nos enunciados compõe para o leitor os conceitos como imagem da alma das coisas (Hansen, 2012).

Como acontece exemplarmente em contos de *Primeiras Estórias*, como (...) “Substância”, o movimento do fundo também anima os personagens na iluminação súbita de sua intuição, independente de seu entendimento e de sua elaboração racional da experiência do discurso. (Hansen, 2012, p. 129).

Ainda para ajudar na caracterização da personagem, Rosa enfatiza o branco. O branco característico do polvilho, sendo este, por sua vez, vinculado ao trabalho de Maria Exita, se une à personagem, ou seja, o branco remetendo à própria moça, numa combinação que denota sua pureza e sua elevação espiritual, realçada pela benevolência que a inspira. Vemos na citação a seguir uma espécie de descrição analítica da cor branca, sendo avidamente realçada de início como parte do cenário até convergir com Maria Exita:

Sim, na roça o polvilho se faz a coisa alva: mais que o algodão, a garça, a roupa na corda. Do ralo às gamelas, da masseira às bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azulosa - o amido - puro, limpo, feito surpresa. Chamava-se Maria Exita. (Rosa, 2001, p. 205).

A descrição da cor branca, sempre e sempre mais intensa, caracteriza a ambientação onde Maria Exita se encontra. Da mesma forma, o leitor é imerso nessa

atmosfera pura, clara, e logo em seguida é apresentado à personagem Maria Exita. Nesse sentido, há uma continuidade dessas características na figura de Maria Exita, afinal, esses mesmos adjetivos são também referentes a ela, principalmente à pureza e luminosidade que florescem nela, como vemos em passagens como: “A Maria Exita. Sabia, hoje: a alma do jeito e ser, dela, diversa dos outros” (Rosa, 2001, p. 208) e em “olhos desses, de outra luminosidade” (Rosa, 2001, p. 207). Portanto, o branco nos remete à pureza, à qual a alma da personagem parece pertencer. Nesse sentido, seguindo na linha de Plotino, “dramatizado” por Rosa, parece que há uma conjugação do divino presente nos personagens, aqui em Maria Exita, com o divino que há no universo.

Essas referências associadas ao nome “Maria” fornecem uma moldura da personagem, ou pelo menos nos revelam uma face de Maria Exita, uma vez que o segundo nome dá lugar a suposições contrárias que afligem Sionésio. Mas, afinal, a pureza de Maria Exita se contrapõe a quê especificamente? Se Exita sugere hesitação, então, o que é este algo que interpela o primeiro nome da empregada e gera dúvida em Sionésio?

Sabemos que Sionésio contrata Maria Exita como empregada de sua Fazenda, lhe entregando o serviço de quebrar à mão o polvilho. Logo no momento que a personagem é introduzida no novo ambiente de trabalho, a piedade diante da situação da moça atinge Sionésio:

Maria Exita. Trouxera-a, por piedade, pela ponta da mão, receosa de que o patrão nem os outros a aceitasse, a velha Nhatinga, peneireira. Porque, contra a menos feliz, a sorte sarapintara de preto portais e portas: a mãe, leviana, desaparecida de casa; um irmão, perverso, na cadeia, por atos de morte; o outro, igual feroz, foragido, ao acaso de nenhuma parte; o pai, razoável bom-homem, delatado com lepra, e prosseguido, decerto para sempre, para um lazarento. (Rosa, 2001, p. 206).

Podemos ver, assim, a genealogia de Maria Exita, cuja família aparece marcada pela má sorte, como se possuísse uma macha escura que marca cada um dos membros no nascimento. Podemos entender essa mancha como os males, aos quais a família dela está sujeita: o mal físico (lepra) que atinge o pai, o mal moral que os irmãos praticaram aos outros e agora sofrem presos ou exilados e, por fim, a mãe que abandona sua responsabilidade. Toda a família de Maria Exita parece estar condicionada às más-aventuranças. Estaria também a jovem moça determinada ao passado “sujo” da família? Essa dúvida aflige Sionésio, que mantém reservas quanto à genuinidade de Maria Exita.

Sabemos que ele ainda se encontra permeado de dúvidas quanto à dupla identidade que Maria Exita guarda. Dessa forma, indagando sobre os sentimentos que a moça poderia despertar nos rapazes, assim como despertará nele, Sionésio segue mostrando que essas incertezas que pairavam sobre ele também eram as mesmas que os outros pretendentes de Maria Exita temiam. Ou seja, qualquer um que conhecesse sua história, via a bela moça apenas sob essa ótica:

Porém, o que ouviu, aquietava-o. Ainda que em graça para amores, tão formosa, ela parava a cobro de qualquer deles, de más ou melhores

tenções. Resguardavam a seus graves de sangue. Temiam a herança da lepra, do pai, ou a falta de juízo da mãe, de levados fogos. Temiam algum dos assassinos, os irmãos, que inesperado de a toda hora sobrevir, vigiando por sua virtude. Acautelavam-se. Assim, ela estava salva. (Rosa, 2001, p. 209).

A dúvida na qual Sionésio se via envolvido também se volta para as demais pessoas que conheciam a moça. Estaria Maria Exita fadada às desgraças da família – a “pureza” manifestada em oposição à mancha da família? Se anteriormente dissemos que Maria Exita se assemelhava à Virgem Santíssima pela pureza que resplandece em ambas, agora, ela parece estar sob a mesma mancha da família. De modo que a personagem de Rosa se assemelha à Eva, uma vez que sob ambas recai a mancha do pecado, que aflige os descendentes da família. Ora, Eva também é uma figura da mesma tradição em que Maria Santíssima se encontra, dessa forma, é razoável que dúvidas apareçam na mente de Sionésio, afinal ambas as faces de Maria Exita, expressadas na dicotomia entre as figuras da tradição cristã, dentro de um horizonte mais comum são antagônicas. A moça com nome santo, remetendo à pureza, estaria também machada pela herança da família? Os pensamentos que ecoam ao seu redor voltados ao preconceito com a genética da moça atormentam Sionésio, que se vê repetidamente num redemoinho de dúvidas:

Mas, de repente, ele se estremeceu daquelas ouvidas palavras. De um susto vindo do fundo: e a dúvida. Seria ela igual à mãe? – surpreendeu-se mais. Se a beleza dela – a frutice, da pele, tão fresca, viçosa – se fosse por um tempo, mas depois condenada a engrossar e se escamar, aos tortos e roxos, da desgraça da doença? – o horror daquilo o sacudia. Mesmo, sem querer, entregou os olhos ao polvilho, que ofuscava, na laje, na vez do sol. Ainda que por instante, achava ali um poder, contemplado, de grandeza, dilatado repousa, que desmanchava em branco os reboliços do pensamento da gente, atormentantes. (Rosa, 2001, p. 211).

Nessa passagem, já ao final do conto, notamos que a dúvida ainda persiste em Sionésio, mas não mais domina seus pensamentos. A dicotomia presente em Maria Exita deixa de ser assombrosa. Sionésio, voltando o olhar para a jovem moça quebrando o polvilho, envolvida por uma atmosfera branca, retorna à pureza despertada pela bela jovem. O passado “sujo” da família é “desmanchado”, para usar a palavra própria escolhida por Rosa. Isto é, a pureza, a santidade de Maria Exita des-mancha, (apaga a macha) de seu passado, de modo que a moça não está predestinada à má-sorte que acometeu seus antepassados.

É interessante notar que, na tradição católica, a Virgem Santíssima é também invocada como “a nova Eva”, ou seja, segundo essa compreensão que tarda desde o período da filosofia patrística, os padres identificaram Maria, a “Mãe do Salvador”, como a “nova Eva” devido à sua obediência de fé, evidenciada pelo seu consentimento à vontade do Senhor: “Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Essa humilde afirmação confirma a postura obediente, dócil e submissa de Maria Santíssima a partir de seu “sim” dado ao seu Senhor. Ora, também Maria Exita se

entrega totalmente à vontade de seu chefe Sionésio, executando o penoso trabalho sem se queixar. A personagem de Rosa aceita sem nenhum alarde as penas de seu serviço:

Perguntara à Nhatinga, pela sua protegida. – Ela parte o polvilho nas lajes...” – a velha resumira. Mas e até hoje num serviço desses? Ao menos agora, a mudassem! – “Ela é que quer, diz que gosta. E é mesmo, com efeito...” A Nhatinga sussurrava. (...) Ela (Maria Exita) estava em frente da mesa de pedra; àquela hora, sentada no banquinho rasteiro, esperava que trouxessem outros passados, duros blocos de polvilho. Alvíssimo, era horrível aquilo. Atormentava, torturava: os olhos da pessoa tendo que ficar miudinho fechados, feito os de um tatu, ante a implacável alvura, o sol em cima. O dia inteiro, o ar parava levantando, aos tremeluzentes, a gente se perdendo por um negrume no horizonte, para temperar a intensidade brilhante, branca; e tudo cerradamente igual. Teve dó dela – pobrinha flor. Indagou: - “Que serviço você dá?” – e era a tola questão. Ela não se vexou. Só o mal-e-mal, o boquinhãoabrir, o sorriso devagar. Não se perturbava. Também para um pasmar-nos, com ela acontece diferente: nem enrugava o rosto, nem espremia ou negava os olhos, mas oferecidos bem abertos – olhos desses de outra luminosidade. (Rosa, 2013, p. 207).

Ao invés de Maria Exita lamentar o trabalho que lhe fora atribuído, ou se adiantar em protestar contra seu chefe Sionésio, a moça, firme na sua obediência, mantém a serenidade e o equilíbrio, características essas que novamente contrastam com o cenário rude desencadeado pelo serviço também penoso. A obediência de Maria Exita se identifica com a entrega plena da Virgem Maria. Diferentemente de Eva, que peca pela desobediência à ordem de Deus, optando por comer do fruto proibido no Jardim do Éden, Maria Exita não opta por uma postura indevida, que poderia levá-la à soberba – pelo contrário, ela inclusive parece alegrar-se com seu serviço como vimos na passagem do conto acima.

Recordemos de Maria como “a Nova Eva” em comparação com a personagem de Rosa, uma vez que tanto Maria, a Mãe de Jesus Cristo, como Maria Exita vêm de uma linhagem carregada pelo pecado: no caso da figura cristã, o pecado como herança da humanidade devido à atitude de Adão e Eva, e Maria Exita pelo passado “sujo” que afligia os demais membros da família. No entanto, ambas as personagens estão isentas do pecado. Nesse sentido, também podemos conceber Maria Exita como uma “nova Eva”.

Como diz Santo Irineu, “obedecendo, se fez causa de salvação tanto para si como para o gênero humano”. Do mesmo modo, não poucos antigos Padres dizem como ele: “o nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade, a virgem Maria desligou pela fé”. Comparando Maria com Eva, chamam Maria de “mãe dos viventes” e com frequência afirma: “veio a morte por Eva e a vida por Maria”. (Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 139; CIC 726).

Uma vez que vimos a construção da imagem de Maria Exita atravessada pela dualidade Eva *versus* Maria Santíssima em acordo com a doutrina católica, e o projeto

em que ambas estavam envolvidas, cabe-nos mostrar a atuação da personagem rosiana na vida de Sionésio. Enquanto a Virgem Maria desempenha o papel de mediadora para se cumprir o projeto salvífico de Deus no discurso cristão de extração católica, Maria Exita desempenha uma função especial na conversão de Sionésio, uma transformação de um modo de vida.

A conversão de Sionésio

No que diz respeito à conversão, temos que a presença de Maria Exita transforma Sionésio e a relação dele com o trabalho. Percebemos ao longo do conto um amadurecimento de Sionésio, não apenas em relação aos seus sentimentos por Maria Exita, como também, em paralelo, à depuração de seu modo de vida anterior. De acordo com Pierre Hadot (2014), o termo conversão significa etimologicamente um “giro”, como uma “mudança de direção”, algo como um redirecionamento sob uma nova orientação. É com base nesse sentido que seguimos nossa exposição acerca da conversão de Sionésio, apresentando seus desdobramentos.

Devemos nos lembrar, como já abordamos acima, que Sionésio possuía uma relação com a gestão da Fazenda. Preso aos bens materiais e à satisfação que lhe proporcionavam, Sionésio não vivia além do trabalho; todos seus pensamentos eram mapeados pelo rigor, pela estratégia e pelo lucro. Inclusive em momentos de lazer, o dono do negócio é incapaz de se desassociar do trabalho que lhe ocupa a mente. Sendo assim, todo o modo de ser do personagem é fatalmente condenado às estruturas de trabalho. Não há tempo ocioso que permita a Sionésio contemplar a beleza de Maria Exita, ou seus modos gentis e benevolentes. Divagar sobre seus sentimentos pela moça era inútil, não lhe traria fruto algum para a promoção da Fazenda. É o que vemos num trecho adiante:

Sem embargo de que, ele, a queria, para si, sempre por sempre. E, ela, havia de gostar dele, também, tão certamente.
(...)

As muitas semanas castigavam-no, amiúde nem conseguia dormir, o que era ele mesmo contra ele mesmo, consumo de paixão, romance feito. De repente, na madrugada, animava-se a vigiar os ameaços de chuva, erguia-se aos brados, acordando a todos: -‘Apanhar polvilho! Apanhar polvilho!...’ (Rosa, 2001, p. 209-210).

Dúvidas ameaçavam Sionésio: a satisfação que seu ofício gerava *versus* o agradável sentimento por Maria Exita duelam pela permanência em sua mente. Concomitantemente, ainda nesse momento, a imagem da moça expressava uma dupla identidade, confundindo Sionésio. Tão logo os pensamentos sobre a jovem avançam em sua mente, Sionésio é imediatamente tomado pelas exigências do trabalho: apressadamente levanta-se para recolher o polvilho da chuva que ameaçava cair sobre a Fazenda. Ora, as obrigações do trabalho rompem com a divagar do pensamento. Ao comentar sobre os personagens de Rosa, a crítica literária Nelli Novaes Coelho (2002) nos diz:

[...] a personagem de Rosa é um homem ‘organicamente integrado no universo, e vórtice (redemoinho) em que confluem forças contraditórias’. Essa personagem passa por uma crise existencial profunda, ou por uma sucessão delas, que a faz rever o seu ser e estar no mundo e, ao mesmo tempo, confrontar-se com o universo concreto, com aquilo que lhe é externo. (Oliveira, 2002, *apud* Vicentini, Ferreira, Deramio, 2017, p. 40).

Nesse comentário de Coelho, recolhido por Clenir Bellezi Oliveira, percebemos que Sionésio se insere nessa categoria de personagens rosianos. Acompanhando a travessia de Sionésio (para utilizar uma palavra cara a Guimarães Rosa), vemos a transformação interna que a vinda de Maria Exita fomenta no personagem. Isto é, as dúvidas que já o incomodavam são um sinal de que algo novo surgia e precisava ser reordenado para um novo sentido. A angústia de Sionésio é o princípio de sua mudança. A partir do momento que ele se vê confrontado com um novo sentimento que lhe apresenta um novo modo de ser, isto quebra sua estrutura sólida.

A dicotomia que aflige nosso personagem, perturba seu modo de ser anterior, estático e até então intransponível. Aqui é interessante notar como a rigidez de Sionésio se assemelha ao bloco do polvilho. O polvilho é utilizado por Rosa como uma representação da mudança que aguarda Sionésio ao final da estória.

A insistente referência à alvura do polvilho e a dificuldade de extraí-lo metaforizam o processo de depuração a que se deve submeter o sentimento, para fortalecê-lo. Para conseguir um produto da melhor qualidade, era necessário malhar a tapioca nas lajes de uma pedra. (Castro, 1993, *apud* Vicentini, Ferreira, Deramio, 2017, p. 40).

É nesse sentido que o sentimento de Sionésio precisa ser purificado para alcançar Maria Exita. A resistência a seus preconceitos em relação ao passado “sujo” da família de sua amada, bem como a insistente entrega ao trabalho são dois pontos diferentes que endurecem o modo de ser de Sionésio. Da mesma forma que o polvilho para se tornar puro e claro passa por um processo que requer tempo e esforço, também Sionésio precisa romper com seu modo de vida anterior e tornar-se um novo homem:

Plantava à vasta os alqueires de mandioca, que, ali, aliás, outro cultivo não vingava; chamava e pagava braços; espantava, no dia a dia, o povo. Nem por nada teria adiantado atenção a uma criaturinha, a qual. (Rosa, 2001, p. 206).

Em oposição temos:

Sem ela, de que valia a atirada trabalhadeira, ou o sobreesforço, crescer os produtos, aumentar as terras? Vê-la, quando em quando. A ela – a única Maria no mundo. Nenhuma outras mulheres, mais, no repousado; nenhuma outra noiva, na distância. (Rosa, 2001, p. 210).

Nesse sentido, Maria Exita provoca uma guinada no pensamento de Sionésio. A conversão do personagem não está isolada da mediação dela. O amor nutrido por Maria Exita, em sintonia com sua beleza, transforma a visão de Sionésio. Sobre o papel

do amor em Guimarães Rosa, Hansen, ao comentar os trabalhos de Benedito Nunes, reconhece a ficcionalização da filosofia neoplatônica, especificamente de recorte plotiniano, na vivência dos personagens:

Assim, por exemplo, quando se evidencia a centralidade da tópica do amor em Rosa, demonstra que o amor não é só um tema, uma tópica, mas a força de união que ordena todos os seres e as ações dos personagens e dos narradores de seus textos. (...) Assim, só posso lembrar rapidamente o modo fundamental como Nunes demonstra que em seus textos o amor é aquela *virtus unitiva* tratada por exemplo por Plotino e retomada cristãmente como metafísica da luz pelo Pseudo-Dionísio e por Dante. (Hansen, 2013, p. 31-32).

Seguindo na linha do neoplatonismo de Plotino dramatizado na literatura de Rosa, temos então o amor como uma força que harmoniza, que ordena o cosmos, atuando no interior do ser humano. Dessa forma, antes de sua conversão, Sionésio tinha rompido com a ordem do universo, ao depositar seus desejos e interesses em coisas vãs, passageiras. No entanto, como vemos na *Éneida* III de Plotino, o amor (Eros) é capaz de reordenar o indivíduo, reorientando a disposição da alma:

Eros neste cosmo, ocupando-se também ele dos matrimônios e tanto se ocupa também ele mesmo do desejo, daquele superior, quanto é o que comove também as almas dos jovens, convertendo a alma [ao desejo] a que ele está coordenado, quanto ela está naturalmente disposta a ir à memória daquelas coisas. Pois toda alma aspira ao bem, mesmo a que está misturada e que se tornou de alguém; uma vez que ela mesma é em sequência daquela e a partir daquela. (Plotino, 2021, p. 134).

É dessa forma que o amor nutrido por Maria Exita transforma a relação de Sionésio com seu trabalho, convertendo-o a uma nova vida. Novamente, trazendo os estudos de Pierre Hadot (2014) sobre a filosofia na antiguidade, podemos perceber que uma das compreensões de conversão nesse período se referia também a um renascimento, em que a dualidade fidelidade-ruptura marca a consciência a partir do surgimento do cristianismo, distinguindo a tradição ocidental.

Sionésio parece trazer em si esse desejo de que Plotino fala ao se valer da teoria platônica n' *O Banquete* – texto no qual Eros é filho de Penia (pobreza) e Poros (abundância). Dessa forma, para Plotino, Eros gera na alma o movimento para o bem.

Mas é através desse sentimento humano que se converte a alma àquele sublime, porque “toda alma aspira ao bem, mesma aquela que está misturada e que se tornou de alguém”. Então a alma em sua totalidade tem o eros total, assim cada alma individual, enquanto parte daquela tem o seu eros parcial; e esse eros infunde o desejo em cada alma segundo sua natureza, cada um, inclusive os animais, tendo-o como dâimon o que lhes coube em vida. (Plotino, 2021, p. 120).

Nesse sentido, segundo Plotino, toda a alma individual aspira ao bem por ser parte do Uno; ou seja, o emanatismo de Plotino qualifica as realidades através de hipóstases. A primeira realidade, do Ser (Uno, eterno e imutável), dá origem a todas as

outras (alma e mundo material) pelo processo de emancipação, de modo que a relação entre elas se dá por meio da participação. Sendo assim, ainda segundo Plotino, todas as almas possuem infundidas em si parte do eros sublime, tal como um eros parcial, que, por ser parte da realidade primeira, guarda em si uma centelha do divino, o que inspira o movimento de retorno à origem, ou seja, de contemplação e harmonia com o cosmos.

Assim, não seria um exagero afirmar que, em alguns momentos, vemos Sionésio tomado pela admiração diante da beleza de Maria Exita. Beleza essa, inclusive, de uma outra luminosidade (Rosa, 2001), como algo de outro mundo; uma beleza que parece vir de realidades além da experimentada. Desse modo, Maria Exita nutre parte dessa beleza “outra” que atrai Sionésio. Esse movimento de atração é a própria atividade do amor.

Direcionado ao que lhe falta, Sionésio, cuja vida até então estava em função do apego ao material, questões administrativas e econômicas da Fazenda, é des-concertado pela vinda de Maria Exita. O personagem percebe que pouco ou quase nada vale o trabalho na Fazenda se não estiver acompanhado pela moça:

Assim; mas era também o exato, grande, o repentino amor — o acima. Sionésio olhou mais, sem fechar o rosto aplicou o coração, abriu bem os olhos. Sorriu para trás. Maria Exita. Socorria-a a linda claridade. Ela — ela! Ele veio para junto. Estendeu também as mãos para o polvilho — solar e estranho: o ato de quebrá-lo era gostoso, parecia um brinquedo de menino. (Rosa, 2001, p. 211).

Agora, na companhia da moça, Sionésio não mais vê o trabalho como um mero ofício, mas com a simplicidade da criança. Isto é, quando Guimarães Rosa coloca a expressão “brinquedo de menino”, demonstra a leveza com que Sionésio passa a ver seu ofício, algo divertido e leve apesar do esforço que ainda exigia. É nesse momento que Maria Exita vem em seu auxílio. A luz que irradia de Maria Exita encontra abrigo no coração de Sionésio. O que antes era fechado e rígido, é desfeito e purificado sob nova forma. Novamente lembrando a tradição cristã, temos: “Eu lhes darei um coração novo e porei um espírito novo no interior de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra e, em troca, darei um coração de carne” (Ez 36, 26-28). O coração de pedra do personagem purifica-se no amor. Maria Exita vem em seu socorro, como uma figura salvadora que atua na conversão do personagem.

Na filosofia de Plotino, a conversão é chamada de catarse, isto é, como um processo de purificação em que a alma deve despojar-se de suas paixões, desejos desordenados, de modo que pela simplicidade seja capaz de reorientar existência, visando unir-se ao Uno.

Não há coisas inúteis nem essas absolutamente o são para o ordenamento em conjunto e completude do inteiro; pois como alguns são destruídos, a razão do todo aproveita os que foram destruídos para a gênese de outros – pois nada de modo algum evita ser retomado por essa razão – assim passando mal o corpo e enfraquecendo-se a alma que sofre tais males, o que foi reaproveitado devido a doenças e vício é submetido a outra série e outra ordem. Pois ele faz que estejam

despertos, desperta inteligência e compreensão, ao ordenar em contrário aos maus caminhos, e faz compreender que virtude é tal que bem em confronto com males, dentre os que os maus têm. (Plotino, 2021, p. 46).

Nesse intuito, Plotino acrescenta que a renúncia, ou seja, a quebra de valores e paixões, são reaproveitadas como meio para dar à luz uma nova vida. Vemos que Sionésio passa por esse mesmo movimento, exemplificado pela atividade de quebrar o polvilho. Seja para purificar seu modo de vida anterior, se despojando de suas paixões ligadas ao trabalho, como também se livrando das falsas opiniões que moldavam sua visão de Maria Exita.

A imagem da moça não é mais permeada de dúvidas. As contradições desaparecem e dão à Maria Exita beleza e pureza livres de preconceitos. Nesse jogo entre claro e escuro, entre a divindade de Maria Exita em oposição ao seu passado, o caminho de conversão de Sionésio também é trilhado. Ela se dá na dualidade luz *versus* sombra, aspecto que, como já apontado por Hansen, reflete a teologia mística de Pseudo-Dionísio Aeropagita, outro neoplatônico:

Rezemos para encontrarmo-nos também nessa treva superluminosa, para ver através da cegueira e da ignorância, e para conhecer o princípio superior à visão e ao conhecimento, justo porque não vemos e não conhecemos. Louvaremos o princípio superexistente de maneira supernatural, removendo todas as coisas: do mesmo modo pelo qual aqueles que modelam uma bela estátua aplainam-lhe os impedimentos que poderiam obnubilar a pura visão de sua arcana beleza, sendo capazes de mostrá-la plenamente, mediante a remoção. (Aeropagita, 2021, p. 29).

Dessa forma, vemos o desenvolvimento da mística rosiana em consonância com o pensamento do livro base da tradição mística ocidental. Era preciso que Sionésio passasse pelo processo de despojamento de suas antigas ambições materiais e preconceitos que impediam uma aproximação com Maria Exita e, conseqüentemente, a própria ordenação do personagem com o cosmo estava rompida. Uma vez removidos esses obstáculos e, ao mesmo tempo, atraído pelo belo luzente em Maria Exita, Sionésio é capaz de reorientar sua alma em direção ao bem maior.

O caminho trilhado por Sionésio é o do amor. É o amor nutrido por ambos a terra segura por onde o personagem purifica-se. São seus sentimentos por Maria Exita que o inspiram a uma elevação espiritual, é o amor que o “puxa” em direção ao transcendente. Esse amor desperta Sionésio para o caminho de ascensão, purificando-o de seu modo de vida anterior, de seus pré-conceitos, de sua atitude fechada. É essencial que Sionésio se despoje das inclinações que impedem seu progresso. Por isso, conforme suas convicções são quebradas, elas são deixadas pelo caminho. Elas continuam fazendo parte de seu progresso espiritual como despojamento, pois todos os estágios são relevantes, ainda que no último se dê o ápice. A partir do momento em que seus sentimentos se revelam para si, Sionésio vê em Maria Exita um novo horizonte de possibilidade: atar sua vida à da moça, desde que seja o desejo de ambos.

Personagem feminina como ponte para ascensão

Nesse movimento, a presença de Maria Exita se faz essencial, uma vez que sem ela Sionésio seguiria com o curso regular de sua vida. Nesse sentido, propomos neste tópico uma aproximação de Maria Exita com outras personagens da tradição filosófica, de modo a mapear as possíveis influências culturais de Rosa na construção do papel de Maria Exita.

Já enfatizamos anteriormente a semelhança da personagem rosiana com a Virgem Maria da tradição cristã ocidental. Seu papel de mediadora entre o ser humano e o transcendente e o meio pelo qual os homens são conduzidos de volta a Deus através de Jesus nos recordam do auxílio de Maria Exita em conduzir Sionésio à elevação espiritual pela via do amor. É neste preciso ponto que surge uma semelhança entre a personagem de Rosa com outra figura relevante da tradição filosófica platônica: a de Diotima em diálogo com Sócrates.

Na obra *O Banquete*, Platão retrata o diálogo de seu mestre Sócrates com a sacerdotisa Diotima de Mantineia. A temática discutida é o amor, e nela Diotima é afirmada como a mulher que versa Sócrates nessa arte. Em diversas passagens da narrativa, vemos Sócrates afirmando que deve seus conhecimentos à sacerdotisa que se dispôs a compartilhar com ele, como por exemplo: “(...) passando ao discurso que ouvi de uma mulher de Mantineia, Diotima, que era sábia tanto nessa matéria quanto em muitas outras; (...). Ora também aprendi com ela lições da arte erótica (...).” (Platão, 2012, p. 58).

Da mesma forma que Sionésio é iniciado no amor a partir da chegada de Maria Exita, também Sócrates alcança o conhecimento dessa realidade e, conseqüentemente, a contemplação do Belo ouvindo as sábias palavras da sacerdotisa Diotima. Em ambos os casos, o homem é orientado no crescimento espiritual pela mediação de uma figura feminina.

Sabemos que, na obra platônica, o amor é acompanhado pela beleza. Isto é, de acordo com Platão, o amor é uma das vias possíveis de ascensão visando alcançar o Belo juntamente com a sabedoria: “A sabedoria diz respeito às mais belas e mais nobres entre as coisas; ora, Eros é o amor direcionado para aquilo que é belo e nobre; a conclusão é que Eros tem que ser filósofo, ficando assim entre o sábio e o ignorante,” (Platão, 2012, p. 63). Nesse sentido, o amor, ou seja, Eros, aponta para o belo, como um servo gentil e humilde, conduzindo os indivíduos à contemplação da beleza una.

Sionésio e Maria Exita trilham esse caminho, mas antes de se dar a união do casal, o personagem precisa passar por um processo de despojamento, se desfazendo daquilo que antes trazia uma satisfação parcial e incompleta até que, com Maria Exita, surge um novo sentido para sua vida.

Quando Sionésio se desfaz de tudo que o prendia ao material, ele escolhe por seus sentimentos a favor de Maria Exita, se desapossando de qualquer contradição ou dúvida. A aura luminosa que resplandece na figura da personagem o inspira a ir em sua direção e transformar seu modo de ser. Maria Exita atua como um farol, guiando

Sionésio para o caminho de realização. Nesse sentido, a personagem se faz uma figura central para esse processo de ascensão, como uma ponte entre o personagem e o transcendente. Isto se evidencia também pela própria caracterização da personagem, sempre descrita envolta a uma luz que reflete sua pureza, como já comentamos previamente. Portanto, Maria Exita guia o processo de ascensão de Sionésio pela via do amor, no qual ela participa como mediadora inicialmente; depois, com a união do casal, ambos vão juntos ao encontro da unidade cósmica:

Sionésio e Maria Exita – a meio-olhos, perante o refulgir, o todo branco. Acontecia o não-fato, o não-tempo, silêncio em sua imaginação. Só um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçõemente: pensamento, pensamor. Alvor. Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os pássaros. (Rosa, 2001, p. 212).

O amor de Sionésio pela jovem moça ultrapassa a realidade cotidiana, à qual ele estava habituado. Dessa forma, a elevação do casal é permeada pela luminosidade que ambos adentram. Essa cena descrita por Rosa se assemelha à sugestão de Plotino, caso fosse possível retornar ao uno ainda nessa vida. Vejamos: “então, se essa vida retornasse ao uno, se fosse possível, em conjunto tanto o tempo que aqui é na vida, quanto o céu, que não tem essa vida, estariam pausados.” (Plotino, 2021, p. 255). Sendo assim, avançar em direção ao uno, pausaria o tempo, como colocado por Rosa em “avançavam, parados”.

E isso é assim. A contemplação elevando-se da natureza para alma e desde essa para inteligência, sempre as contemplações vindo a ser mais familiares unificando-se com os que contemplam, porque na alma zelosa o que está reconhecido vai em igualdade com o que subjaz nela, enquanto isso se apressa para inteligência, nisso é claro que ambas as coisas já são uma só, não por familiaridade, como na alma que é a melhor, mas por essência e por ser o mesmo o ser e o pensar. (Plotino, 2021, p. 279).

Nesse sentido, uma vez que a filosofia de Plotino parte da noção de participação no todo, evidenciada pelo processo emanatista, então, a alma que contempla o objeto de seu desejo, aquilo que lhe falta, o bem e o belo, torna-se similar ao objeto contemplado. Nessa fusão entre o amante e o objeto de sua devoção, tudo se harmoniza numa unidade. O mesmo ocorre com os personagens de *Substância*, Maria Exita e Sionésio, que, com seu amor alinhado à ordem dos cosmos, caminham juntos para a origem. A crítica literária Clenir Bellezi de Oliveira comenta sobre essa passagem de Rosa:

[...] os apaixonados, tocados pelo encantamento do amor, funcionam como agentes epifânicos, como portadores de iluminações, pois conseguem manter contato com o transcendente, com aquilo que a razão e o materialismo não explicam. (Oliveira, 2002, apud Vicentini, Ferreira, Deramio, 2017, p. 43).

A fusão dos sentimentos do casal é evidenciada por Guimarães Rosa na passagem acima por seus neologismos como “coraçõemente” e “pensamor”. Nesta composição,

o autor arquiteta essa nova dimensão alcançada pelo casal. O neologismo evocado pelo autor aponta para isso:

O advérbio cordialmente, já gasto, até burocratizado, não podia satisfazer ao tom lírico desejado pelo autor. Criou então essa fórmula insólita em que o substantivo-radical é preservado na sua inteireza [...] “coraçõemente ficou mais concreto, direto, quente e imediato que cordialmente” [...]. (Martins, 2001, *apud* Vicentini, Ferreira, Deramio, 2017).

Palavras cotidianas já desgastadas pelo uso não seriam suficientes para expressar a mística vivenciada por Maria Exita e Sionésio. Ambos avançam, juntos, em direção à unidade cósmica, numa epifania, que pode ser dita numa reinvenção vocabular. Outro detalhe é que a claridade se faz presente na cena, agora com uma luz que abraça os dois amantes. Inaugura-se uma harmonia entre o casal, e do casal com a natureza. Guimarães Rosa dá uma nova roupagem ao “felizes para sempre” com “avançavam parados”, ou seja, a permanência dessa sensação de união perpétua; a alegria que se prolonga pela eternidade. Diante da experiência do inefável vivenciada pelos personagens da narrativa, estamos de acordo com Hansen quando afirma que Rosa consegue descrevê-la construindo a linguagem artesanalmente pelo sentido primeiro do *poién* grego. Isso significa que a representação das coisas reativa significações que ressoam algo secreto sussurrando em meio as palavras de Rosa. Algo com o “quem das coisas”, “o mel do maravilhoso”.

Conclusão

Portanto, diante do exposto, podemos notar como em *Substância* o pensamento de Rosa se desvela, conjugando diferentes tradições: filosóficas e místicas. Suzi Sperber (1976), ao notar essas diferentes manifestações, afirma que, ao invés de sobrecarregar a obra, confinando-a a esta ou aquela teoria, na verdade, Rosa traz uma dinamicidade, como buscamos retratar neste estudo. A influência da doutrina cristã harmonizada com o neoplatonismo de Plotino, com traços permanentes da teoria de Platão, constitui uma espécie de mística heterodoxa, realçando a originalidade do pensamento rosiano.

Nesse sentido, realçamos que a figura de Maria Exita, antes taxada pelo passado “sujo” da família, ocupa um lugar central como mediadora. Aos poucos, deixa de ser vista de modo heterogênea, com uma identidade dupla, e dá lugar a um modo puro e imaculado.

Essa elevação em que Maria Exita se encontra contribui para o processo de conversão de Sionésio. É essa dualidade presente no conto, retratada no jogo entre luz e sombra, que impulsiona Sionésio à conversão, à catarse no léxico de Plotino. Dessa forma, uma vez que todas as coisas derivam do uno e participam dele, a beleza que Maria Exita reluz é parte do belo sublime. Atraído pelo bem e pelo belo, Sionésio inicia sua jornada de conversão. Desse modo, se a identidade de Maria Exita revela-se livre da mancha que acometia a família, é justamente devido à purificação de Sionésio, uma

vez que agora seus olhos estão limpos do pré-conceito que vigorava. Tendo isso em vista, percebemos que a presença de Maria Exita é central para a conversão do personagem, transformando seu modo de ser meramente material rumo à felicidade. Essa felicidade é voltada justamente ao amor que ele nutre por Maria Exita, de modo que ele passa a olhar para as coisas do alto.

Portanto, podemos concluir que Maria Exita atua como uma guia que conduz o processo de conversão de Sionésio. O casal declara seu amor recíproco. O amor agora impera, levando-os ao encontro da unidade cósmica, num estágio de perfeita harmonia com o todo. Essa ascensão não se daria sem a figura essencial de Maria Exita, cuja aura bela e luminosa inspira toda essa mudança de Sionésio, conduzindo-o rumo ao absoluto. Assim, a personagem atua como uma mediadora desse processo de ascensão.

Referências

Aeropagita, Pseudo-Dionísio. **Teologia mística**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução de Ivo Stornilo; Euclides Martins Balncin. 2ª edição. São Paulo: edições paulinas, 1990.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O mago do verbo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 343-351, mar. 2002. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12412>. Acesso em: 30 out. 2023.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É realizações, 2014.

HANSEN, João Adolfo. Benedito Nunes, leitor de Guimarães Rosa. In: PINHEIRO, Victor Sales (org.). **A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 23-34.

HANSEN, João Adolfo. Guimarães Rosa e a crítica literária: forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa, *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.47, n.2, p.120-130, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11308>. Acesso em 06 jul. 2024.

LOSSO, Eduardo Guerreiro Brito. Atar-se ao mastro para ouvir o canto místico da sereia rosiana. **Ihu - On-Line**, São Leopoldo, v. 1, n. 538, p. 47-55, 05 ago. 2019. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao538.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: **A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 37-77.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Edipro, 2012.

PLOTINO. **Enéada III**. João Pessoa: Ideia, 2021.

“Primeiras Estórias” é, ou pretende ser, um manual de metafísica. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 jun. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/30/mais!/10.html>

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 14-48.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães; BIZZARI, Edoardo. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Eduardo Bizzari**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

VICENTINI, Gabriel; FERREIRA, Laura Helena Rossetti; DERAMIO, Luís Carlos Garcia. Substância - João Guimarães Rosa: análise. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência**, Avaré, v. 7, n. 2, p. 37-46. 2017.

Enviado em 29/02/2024
Aprovado em 16/08/2024